Anno I | Lisboa, 12 d'Abril de 1896 | Numero 10

Caricaturas de Celso Herminio — Chronica de João Chagas

OS PARTIDOS MONARCHICOS EM PORTUGAL

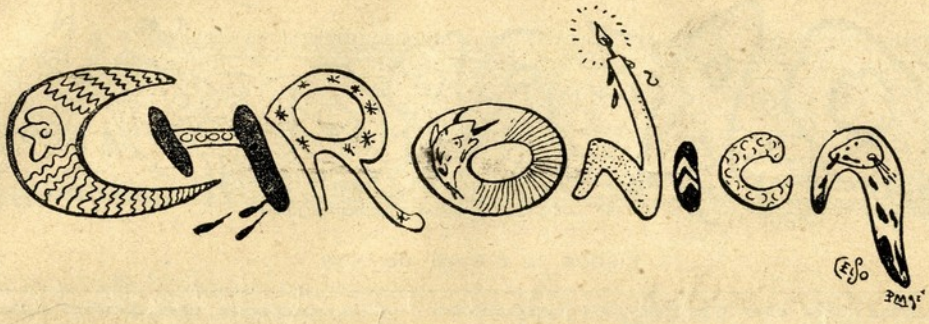
REGENERADORES

PROGRESSISTAS

PROGRESSISTAS

REGENERADORES

Cachorros!



Como as suas antecessoras, a semana transcorrida não deu origem a facto algum de caracter fundamental, quer geologico, quer social, quer politico, que modificasse sensivelmente os velhos aspectos da nação.

Continuamos a permanecer ao occidente e a ser regidos por uma monarchia constitucional.—Nenhum cataclysmo cosmico e nenhuma insurreição d'almas al:eraram esta invejavel situação.

Estamos onde estavamos e, se não effectuamos nenhum progresso, tambem não soffremos o effeito de nenhuma convulsão. Por outro lado, se não se operou nenhuma profunda transformação no nosso caracter, que se manteve benigno, tampouco os nossos costumes soffreram a influencia de qualquer grande movimento de Reforma. Achamo-nos, hoje como hontem, n'aquelle ponto da Historia que diz assim:—«*E tendo supportado durante dois seculos o dominio de uma familia de malucos, este povo predestinado cahiu na mais pesada somnolencia...*» *etc.*

A Divida, bem como o Chefe do Estado não diminuiram de volume, mas um sabio conjuncto de leis asseguram-n'os que esse lamentavel estacionamento de forças será largamente compensado pelo effeito de algumas novas contribuições sobre os generos de primeira necessidade.

Um projecto de conversão pôde por um momento alvoroçar os animos, mas logo o passamento de um guitarrista os restabeleceu, e, por uma natural divagação, o espirito publico, chamado por um instante ao conflicto dos seus interesses, recahiu nas suas habituaes apprehensões, no numero das quaes me permitto desde já incluir a decadencia das raças taurinas, que n'este momento constitue o grande motivo de debate na imprensa periodica. Affirma-se que as touradas estão em decadencia, pela falta de rezes bravas e para este momentoso assumpto, chama-se com razão a attenção dos poderes publicos.

Os negocios continuam a cargo do mesmo governo que se encontrava no poder a semana passada, e o advento de um novo ministro da guerra é saudado com satisfação.

Aos primeiros sopros da primavera, celebrou-se a reconciliação dos dois partidos monarchicos, que um mal entendido havia separado, e tudo faz crer que breve nos poderemos regosijar por ver restituido ao poder o partido progressista, com o que ganharão as instituições em prestigio e o paiz em dignidade. O advento d'este grupo politico não deixará, outrosim, de servir a causa dos partidos avançados, e já se murmura com mal contido enthusiasmo que o chefe do Estado está benevolamente disposto a reconhecel-os e a admittil-os na sua intimidade. Em tal caso—diz-se,—serão reservadas algumas salas do palacio do Municipio para os seus conclaves e um directorio republicano será organisado sob o alto patrocinio de sua magestade a rainha-viuva.

No regalo d'esta grande paz e d'este solemne accordo, um grupo de agitadores continúa, é certo, a affirmar a necessidade das Revoluções em nome de não sei que suppostas revindicações de Patria, de Justiça e de Liberdade; mas comprehende-se logo que no meio de uma sociedade tão complectamente harmonisada, semilhantes vozes não tenham echo.

*
* *

Annuncia-se com estrondo a epocha tauromachica; abril semeia flores; já faz calor; apparecem os primeiros chapeus de palha.

Este ceu de Portugal é uma delicia!

J. Ch.

O Fado

(Palavras d'um revoltado)

Guitarra, minha guitarra
Solta teus ais, minhas queixas,
E's tu a unica amante
Que por outro não me deixas

Morreu o Hilario.

O Hilario era o fado.

O que quer dizer fado? — Fado quer dizer destino, fatalidade, fadario.

O fado é a formula musical d'esta expressão portugueza — *tem de ser*. Por isso o fado é portuguez. *Tem de ser, tinha de ser, o que tem de ser tem muita força.*

Os povos são o que cantam. Diz-me o que cantas dir-te-hei quem és. O portuguez canta o fado. Creou-o para se definir, canta-o para se exprimir. O portuguez é fatalista, filho do destino, irmão da sorte.

Maldito fado!

Aquella desgraçada áquella porta offerecendo-se a quem passa, canta o fado, o seu fadario, a sua sorte. Não sabe porque está ali. Miseria?—Ignorancia?—Imprevidencia? Qual historia!—Fado, fadario, sorte.

Tinha de ser. O que tem de ser tem muita força.

Triste vida a prostituta
Ai!—Triste vida hade levar

Aquelle condemnado n'aquelle presidio, carregando ao sol d'Africa o fardo da sua expiação, canta o fado, o seu fado, o seu fadario.

Porque está elle ali, entre ferros? Por ter matado? por ter roubado? por ter incendiado?—Qual historia! Fado, fadario, sorte.

Tinha de ser. O que tem de ser tem muita força.

Canta João, quem canta seus males espanta.

Não tenhas pena João
Vae cumprir o teu degredo

Maldito fado!

O fado é o destino mysterioso, a fatalidade inconjuravel, o estygma, o signo, o designio.

O povo começou a cantal-o no dia em que começou a soffrer.

Não tendo podido penetrar a razão incognita da sua pena, attribuiu-a á sua sina, e d'esta superstição fez o *romancero* da sua desventura.

Pobre povo!

O fado é feito d'este horrivel convencimento do irremediavel. Por isso elle é triste e choroso.

Uma fatalidade secular pesando sobre uma raça de rusticos sonhadores não podia produzir outra trova que não fosse a do seu destino irremissivelmente condemnado.

Produziu o fado e o fado é uma condemnação.

Nas o fado supprime-se. — Porque não?

Mas supprimir o fado é supprimir a historia.

Supprima-se a historia.

Um dia de gloria pode crear uma canção nova. A redempção é um compositor heroico, e todo o homem escravisado, ao redimir-se, sabe cantar a Marselheza da sua epopeia.

Supprima-se a historia.

A allegoria do Junqueiro contem um facto. — Toda esta gente, esta raça está somnambula, está doida. Perdeu a alma, ou guardaram-lh'a, a sete chaves. Vive como doida, canta como doida. Anda a penar, a delirar. O fado é o estribilho da sua loucura. A alma dos povos balbucía assim muitos seculos, errante, delirante, a mesma trova, a mesma melopeia.

Busquemos-lhe a alma se presa está, libertemos-lh'a se a sequestraram e, n'um canto novo, façamos com que elle esqueça, que perca a memoria do que foi e do que passou.

O fado é funerario.

Ensinemos-lhe a cantar como as aves, as canções da alvorada.

Ivan.

INAUGURAÇÃO DA EPOCHA TAUROMACHICA

O primeiro espada

Principios e palavras

Por um d'estes despauterios frequentes na imprensa periodica de Portugal, uma folha republicana da tarde, o *Dia*, em contraversia com o *Paiz*, affirma-se *liberal*.

Isto não é novo e já por outras vezes temos visto incluir os republicanos no grupo dos chamados *liberaes*.

Liberaes!

Pois precisamente por não serem *liberaes* é que os senhores são republicanos!

Vejamos:

Os *liberaes* são filhos do *liberalismo;* os senhores são filhos da liberdade.

A liberdade conquistada pelos *liberaes* foi uma concessão do Direito Divino, emquanto que a liberdade revindicada pelos republicanos é a propria affirmação da Democracia.

A liberdade que os senhores pregam não a vão pedir ao rei: outorgam-se a si proprios, porque é propriedade sua.

O *liberalismo*, ficção ingenua, sahiu da necessidade de conciliar estas duas ambições — a dos povos sedentos de liberdade, e a dos reis, ávidos de thronos. A liberdade que os republicanos reclamam não lhes será dada mediante contracto ou combinação; será o convenio tacito entre todos os cidadãos para a partilha de um bem commum, de que estiveram por muito tempo despojados.

O que os republicanos tentam não é uma conciliação, mas um rompimento.

Os republicanos não são *liberaes* porque tem a consciencia esclarecida e os olhos abertos (ou devem ter) e sabem já hoje, como não o souberam nossos paes, que não nos ha mister, para sermos livres, collocar-nos sob a protecção de um rei, e, para havermos liberdade, partilhal-a com quem tenha a impertinencia de se pretender depositario d'ella.

A liberdade é de nós todos como o ar, e só nós, a nosso arbitrio, poderemos estatuir, a nossa condição de homens livres.

Os republicanos não são *liberaes* porque se emanciparam; e o *liberalismo*, se foi uma chimera para muitos, foi ainda a servidão para todos.

Liberaes!

Mas esta discussão entre os dois periodicos republicanos suscitou-se porque um d'elles, o *Dia*, affirma a necessidade de appoiar os progressistas contra o governo, emquanto o outro, o *Paiz*, sustenta o empenho mais logico de os combater a ambos.

Em commentario a este pittoresco incidente da vida dos principios em Portugal, tem opportunidade transcrever para aqui de um velho numero do *Correio da Noite*, orgão dos progressistas (vinte e tantos de maio de 1894), esta flagrante opinião:

«Os republicanos do Norte são logicos e astutos. Já uma vez foram ás casernas militares e de lá trouxeram a soldadesca amotinada contra o Rei; quasi triumpharam por um momento na cidade do Porto. Comprehendem perfeitamente que a conservação do actual governo lhes dispensa iguaes tentativas e lhe poupa aventuras de resultados incertos. Porque não hão de, pois, insurgir-se contra a união liberal, que se lhes antolha um obstaculo, um perigo para a realisação do seu ideal? O governo é o incansavel demolidor, o obstinado propagandista contra as instituições vigentes. *É, pois um erro, republicanamente fallando, derribal-o ou perturbal-o no exercicio da sua missão malefica.*»

Esta opinião do *Correio da Noite* prova, além da evidente vantagem de guardar papeis velhos, a manifesta confusão que se estabeleceu entre os adversarios das instituições, confusão levada a taes extremos que são elles que se approximam d'ellas e ellas que os repellem.

Esta dos republicanos se dizerem *liberaes* não lembrava ao Diabo!

"O BERRO,,

Auras propicias continuam a bafejar este semanario de caricaturas. O publico faz-lhe um acolhimento de semana para semana mais lisongeiro e a imprensa das provincias regista-lhe o exito em termos verdadeiramente estimulantes. Da imprensa de Lisboa apenas continua a occupar-se d'elle *O Paiz*, o que nos prova que estamos mais em graça nas provincias do que na capital. Mas lá iremos. Roma e Pavia não se fizeram n'um dia e estes senhores de Lisboa são mais difficeis de conquistar do que a boa gente das provincias. Lá iremos.

Teve um extraordinario successo o n.º 9 do *Berro*, publicado hontem. A pagina de sensação, que occupa toda a largura do jornal, é na realidade soberba de concepção e de execução. Representa Portugal crucificado, tendo a legenda «*Portugal rei do Oriente*.» O crucificado está entre os srs. Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro. Ha tambem um personagem que dá o ultimo golpe no martyr. Aos pés da cruz estão a *Patria* e a *Liberdade* chorando. Tres nações jogam aos dados a bandeira portugueza.

Outra pagina traz a *Resurreição*: um homem do povo, quebrando a pedra do supulchro e surgindo armado para a lucta.

A prosa, adequada á pagina central, é extrahida dos textos biblicos, referindo-se a personagens da politica portugueza.

Este numero do *Berro* não é só notavel documento de talento. E' prova de audacia que tanto agrada ao publico e dá por isso a este jornal uma justa e merecida popularidade.

Continúa á venda na *Tabacaria Monaco*, do nosso amigo Cruz, e em outros estabelecimentos.

O Paiz — Lisboa.

Esplendido, como sempre ou ainda mais do que o primeiro, este soberbissimo semanario.

O n.º 7 que temos á vista, traz além da pagina central *Gungunhanas*, uma humorista *phantasia*, que é deliciosa de mysterio... e quem sabe se de verdade.

O valor da publicação revela-o o exito que tem tido, a anciedade com que é esperada e o calor com que têm sido commentada.

Jornal dos Estudantes — Coimbra.

«*O Berro*» — Sahiu o n.º 9 d'este magnifico semanario de caricaturas do nosso amigo Celso Herminio, bello talento que subitamente surgiu, ascendendo logo aos mais elevados postos da demolidora arte de castigar, lapis em punho, rindo, como se o riso fôra um tagante.

A pagina central, o *Calvario do martyr*, magnifica na execução. Todavia, cremos que não será o Estado actual que haja de levar ao Calvario aquelles dois *amigos* que ladeiam o Justo.

A primeira pagina, expressiva d'uma ardente aspiração de todos nós, quando terá ella realisação historica?...

Em summa, *O Berro* continúa merecendo o favor publico pela perfeição artistica, pela independencia critica, pela aspiração a que obedece.

A Voz Publica — Porto.

«*O Berro*» — Com o titulo que nos serve de epigraphe recebemos o numero 7 d'este excellente semanario de caricaturas.

O Berro produziu sensação e temor tendo um exito extraordinario, pelo que tem augmentado em cada numero a sua tiragem.

Agradecendo a visita do denotado luctador, enviamos-lhe o nosso cartão de felicitações desejando-lhe muitas felicidades.

A Montanha — Trancoso

«*O Berro*» — Temos recebido com toda a regularidade este excellente jornal de caricaturas, illustrado por Celso Herminio, um caricaturista de primeira ordem pela correcção de dezenho e pela *verve* com que trata os assumptos que escolhe para alvo do seu lapis mordente e espirituoso.

Recommendamos aos nossos leitores *O Berro* como um dos bons defensores dos principios democraticos, e dos mais causticos censores da podridão da moderna sociedade portugueza.

A Verdade — Thomar.

«*O Berro*»» — Sahiu o n.º 7. A primeira pagina *El-Rei Artista* é uma *charge* magnifica. As paginas centraes, representando a entrada de um Gungunhana e a sahida de outro Gungunhana, as evoluções de *pataco* até ao zero, tudo engraçado e justo, embora duro para aquelles a quem justiça é feita.

Parabens a Celso Herminio.

Meridional — Montemór.

«*O Berro*» — Semanario de caricaturas, susceptivel de gargalhada e unico na critica clara e arrogante. Recebemos o n.º 8.

Puritano — Almada

VALLA COMMUM

O reino é pòdre! o rei é pòdre!
Oh que fedor!... oh que fedor!

G. Junqueiro.

Ao lado dos covaes d'honra para defunctos de distincção, que foram ou representaram ser alguma coisa resolvemos abrir uma valla commum para a gente morta que nada foi.

A's sepulturas atirámos almas; á valla commum atiraremos corpos, detrictos, lexivias, lixo.

A corrupção invade o ar. A nação cheira mal.

Toca a enterrar! Toca a enterrar!

Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro

Typographia Guedes

Esta casa recentemente aberta, e montada com o maximo gosto e escrupulo, está devidamente habilitada para a melhor execução de trabalhos do commercio, jornaes de toda a especie, livros simples e de luxo, impressões a côres, etc.

64, Arco do Bandeira, 70

ASSIGNATURAS

Continente e ilhas

Anno	1$000
Semestre	$500
Trimestre	$250

Africa

Anno	2$000

Paizes fóra da convenção postal

Anno	4$500

Brazil

Anno	10$000

ANNUNCIOS

Linha	20

Repetidos, por contracto.

Galeria Monaco

ROCIO

Illustrações
Jornaes
Livros
Tabacos
E... TUDO

TYP. GUEDES
ARCO DO BANDEIRA, 64 A 70
LISBOA

Toda a correspondencia dirigida ao administrador Joaquim de Meira Souza, Rua dos Fanqueiros, 262, sobre-loja — Editor, Paulo da Fonseca.